



Foto: Daniel Choma.

## Entrevista com

# Daura Lucia Correia

### FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Pântano do Sul, Florianópolis - SC.

Data: 03 de julho de 2012.

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (entrevista e câmera).

Projeto de origem da entrevista: Intergerações – artes do fazer e do lembrar.

Parcerias do projeto de origem: Instituto 3 Vermelho – Ponto de Cultura Baleeira; Banda da Lapa – Ponto de Cultura Educação Musical Popular; Rádio Campeche – Ponto de Cultura TOCA; LIS – Laboratório de Imagem e Som – UDESC; Prêmio Ação Cultura Digital – Ação Cultura Viva - Ministério da Cultura – Governo Federal.

Produção do Projeto Intergerações (2011) e Acervo: Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa. | Edição: Daniel Choma.

### MEMÓRIA RENDEIRA

*Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.*

Projeto:



Apoio:



Realização:



### ENTREVISTA COM DAURA LUCIA CORREIA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/daura/>

*[Durante toda a entrevista dona Daura está fazendo renda tramoia]*

**DANIEL** – A senhora aprendeu com que idade?

**DAURA** – Na faixa de uns quatro a cinco anos, por aí, porque com sete anos a gente já trabalhava... Sete anos de idade a gente já fazia renda pronta mesmo. Para aprender era de quatro a cinco anos de idade, já estava aprendendo. E nem era assim com todos os bilrinhos, primeiro a gente aprendia com 4 pares. Dois de cada lado, só para aprender a torcer e a fechar o ponto. Daí eu fiz até, mais ou menos, os meus quatorze anos e pouco, que trabalhei na renda. Depois eu não fiz mais porque fui morar com meu tio e não trabalhei mais com a renda. Só fui voltar a trabalhar já depois de uns quarenta anos. Porque nessa época, entre esse tempo, eu casei, não morei aqui, fui morar fora.

**TATI** – Morou onde?

**DAURA** – Morei em Santos. Depois que vim pra cá e comecei. Mas a minha mãe também, desde novinha fazia e fez até os noventa anos. Ela fazia direto. Sempre tinha novidade, sempre ela estava fazendo renda. Antigamente, pra vender as pessoas tinham que vender a uma senhora que era no Morro das Pedras, Ribeirão da Ilha, que compravam. Depois tinha uma senhora do Pântano do Sul que comprava, dona Dica, a dona Geni. Tudo eram senhoras que compravam a renda. Depois tinha a dona Marta, na Armação, também comprou muito da minha mãe. Depois, por último, aqui deu uma parada. A renda deu uma parada muitos anos sem as pessoas mexerem com isso. Bem poucas pessoas continuavam com a renda. Agora a Katia pôs aquela loja, a mãe continuou vendendo para ela, como muita gente até do Ribeirão vendia ali, da Armação também. Agora que aflorou de novo. Foi bom. Eu acho que foi muito bom porque pessoas que já estavam muito tempo sem trabalhar e eram aposentadas, ficavam sem fazer nada, não tinha outra ocupação. A única ocupação que tinham ali era esse encontro dos idosos, não fazia nada. Assim outras pessoas aprenderam, quem é novo quis aprender e as pessoas de idade estão preenchendo seu tempo. É bom pra mente da gente.

**TATI** – Mas a senhora fez renda continuamente depois que a senhora retomou?

**DAURA** – Depois que retomei não fazia pra vender, fazia mesmo pra casa, pras minhas filhas. Agora que estou fazendo, a gente tem pra onde vender, antes não tinha, podiam até fazer mas não tinha onde vender. Depois que a Katia teve a loja, aí ela começou a comprar. Depois que ela fechou também tinha gente que desanimou, não tinha pra quem vender. Agora eu acho que tem bastante. Que eu sei, deve ter umas vinte pessoas, mais ou menos, trabalhando nisso aí. Quem não trabalha lá na Associação [de Moradores do Pântano do Sul] trabalha em casa. Eu não faço sempre, mas aqui na minha rua tem quatro, cinco pessoas que fazem a renda, que eu sei, já é bastante. Fora quem faz na Associação.

**DANIEL** – Você e a sua mãe faziam em casa, sozinhas?

**DAURA** – É. A gente sempre trabalhou sozinha. Sempre era assim, cada uma trabalhava nas suas casas. Lá tinha época, no verão, como as pessoas gostavam, era calor, as casas não eram assim tão juntas uma com a outra e os terrenos eram tudo junto. Aí sempre se juntavam ali, duas ou três mulheres, numa sombra no quintal e faziam renda juntas. Eu fazia renda, quando era mocinha, na casa da minha amiga, mas era porque a gente era mocinha,

queria estar conversando, essas coisas. Eu ia na casa dela ou ela vinha na nossa casa, era assim. Mas a maioria sempre trabalhou sozinha, em casa. Para trabalhar junto, assim como estão agora, em comunidade, só essa época, que eu lembro, estão começando agora. Também as pessoas não tinham tantas ideias como tem agora... Agora já tem mais novidade, mais ideia...

**TATI** – É isso que eu a perguntar: muda um pouco o que fazer? As peças...

**DAURA** – Muda. É muita novidade! Porque antes era só tramoia ou então renda de perna cheia e trança. Agora não, agora tem mais desenho. Por que? As pessoas têm mais ideias. Desenham um peixe, desenham a ponte, desenham galinha, desenham foca, desenham anjinho, bonequinha, um monte de coisa! Tu chegas ali na Lili, eu fico encantada com as coisas que tem para fazer, da vontade de fazer tudo na mesma hora, porque é muita novidade!

**TATI** – Quem desenha, a senhora conhece alguém?

**DAURA** – Quem desenha não... Olha! É outra novidade, não sei quem que desenha ali, parece que é a filha da Lucia... Tem uma ali que faz, não lembro o nome dela, mas tem. Já tem a xerox, tu pegas o papel, já vai lá, tira xerox do desenho e tu já pões ali no papel, no papelão, vai construindo a renda ali por cima! Antes, não, a gente só tirava ou pela renda, o desenho da própria renda, ou pique por pique! E já tem muita diferença nisso aí!

**DANIEL** – Tinha mulheres antigamente que se reuniam para fazer a renda em grupo?

**DAURA** – Não, é como eu te falei, só cada um na sua casa, elas não se reuniam assim.

**DANIEL** – Só amigas?

**DAURA** – Só amigas, mas fazer como estão fazendo agora eu não me lembro! Mesmo na época da minha mãe, era cada um na sua casa. Associação não existia.

**TATI** – E essas pessoas que compravam, elas compravam para revender?

**DAURA** – É. Elas compravam para revender. Como era, para quem elas revendiam, eu não sei. Sei que elas vendiam. Elas deveriam ter, mas como a gente era nova, não tinha muita experiência de estar perguntando, mas elas deveriam vender para pessoas do centro de Florianópolis, era a única cidade mais próxima que tinha. E aqui, agora, no Pântano, como outras praias que têm essas rendas, é vendida para estrangeiro e tudo, por quê? Porque tem os turistas, tem as visitas das pessoas, mas antigamente não tinha nada disso.

**DANIEL** – As rendeiras que a gente entrevistou, algumas contaram que antigamente fazia ratoeira.

**DAURA** – Ah! Essas coisas elas faziam. Ratoeira que eles chamam é, como se diz, brincadeira de roda, forma aquelas... Talvez vocês já ouviram falar nisso, já assistiram.... Se juntavam quando as moças... Eram moças de 16, 17 anos, aí se encontravam ali na frente da igreja, tinha bastante espaço e ali faziam a roda e elas começavam a cantar. Chamavam de ratoeira, é a brincadeira de roda. E de pular corda, dessas coisas assim, de esconder... Essas

brincadeiras que hoje em dia não se faz mais! As crianças não têm mais essa liberdade de fazer essas brincadeiras. São mais presas, não é?

**DANIEL** – Como era antes de chegar a luz?

**DAURA** – Ah! Era tudo de lamparina, como eles chamavam, uma luz pequeninha, era de lata. A gente botava querosene dentro, tinha o pavio e acendia. Quem podia um pouquinho mais, tinham uns lampiões. Uns chamavam lampião, outros chamavam placa, era um negócio de vidro, tipo uma bola de vidro e tinha os negocinhos de segurar. Em cima tinha um tipo de uma... Não é taça, tipo de um vaso. E a luz clareava aquilo ali, clareava tudo!

**TATI** – A senhora viveu assim bastante tempo?

**DAURA** – Vivi. Até meus quinze anos eu vivi assim. Depois é que fui morar com o meu tio... Eu morei em casa até de taipa, que chamam, que é de barro. A casa que eu morei com o meu avô, a minha mãe morava aqui nessa casinha que tu conhecestes, aquela casinha aqui na frente... E o meu avô era mais ou menos passando a rua, era nessa outra casa da frente, uma casa enorme de barro. Eu morava com eles. Era gostoso, porque a gente foi criada assim mesmo, não tinha sonhos grandes, para nós aquilo ali era ótimo! Chovia, caía as paredes, no outro dia dava sol eles levantavam as paredes, eram aquelas histórias assim! Pra gente era tudo normal!

**TATI** – Então a senhora viu mudar muito aqui?

**DAURA** – Vi. Quando teve a luz aqui, bem poucas casas colocaram luz, eu não lembro quantas, mas foi bem poucas. Foi começado bem aos poucos, porque as pessoas não tinham possibilidade de fazer as instalações de luz, essas histórias todas. Muita gente ainda ficou sem luz elétrica por um bom tempo! Depois conseguiu colocar... E hoje as coisas... É tudo mais fácil. Por isso que eu falo que não se deve reclamar de nada, tudo é ótimo! Porque o mais difícil a gente passou. E os nossos avós que devem ter passado pior ainda, do que os nossos pais passaram, mas os nossos avós devem... Às vezes a gente conversa aqui, eles viviam igual índio. A mesma coisa! Porque só pescavam para comer e plantavam. Mais nada! Dinheiro não existia, meu pai contava... Meu pai pescava também. Eles pescavam peixe, como cação mangona, essas coisas, anchova, mas quando era peixe, cação, eles escalavam, salgavam tudo, secavam em casa e levavam, ou de cavalo, ou de barco, de lancha... Quando era de lancha eles levavam para Florianópolis e quando não era de lancha, era a cavalo, pela estrada. Diz que era uma estrada que era de carroça mesmo, nem condições tinha. Depois, com o tempo é que começou a vir os caminhões, os ônibus, mas na época deles, não. Na época deles eles iam até a pé para a cidade.

**TATI** – Nossa! Trinta quilômetros?

**DAURA** – É, a pé! Iam. E com o filho nas costas. Quem tinha criança e estava doente tinha que ir assim, botava nas costas e levava! Era difícil! Hoje a gente reclama de um atraso de ônibus!

**DANIEL** – Fazia renda por necessidade?

**DAURA** – Sim! Porque era o único recurso que a pessoa tinha para sobreviver! As mulheres sim, porque se elas não fizessem renda, só podiam apanhar café. Quase todo mundo aqui tinha o seu cafezal, não era grande, mas um ajudava o outro. Ou uma escalação de peixe, porque tinha muita fartura de peixe e só isso! Não tinha outra opção! Dinheiro, eu acho que naquela época bem poucas pessoas tinham na mão. Eles viviam de troca!

**DANIEL** – Trocavam as coisas?

**DAURA** – É. Vivia mais de troca, porque aí levavam peixe lá para a Costa, Saquinho, pra trocar por farinha, arroz, feijão, essas coisas, bem primária mesmo, era difícil!

**DANIEL** – Para a mulher era diferente do que é hoje? Para poder sair, poder trabalhar?

**DAURA** – Ah, não! Era bem... Essa coisa da mulher sair de casa para trabalhar, isso aí tem bem pouco... Não tem bem pouco tempo, já faz um tempinho, mas antes não, não existia essa coisa de mulher trabalhar fora. Mulher casava, era dona de casa. Criava os filhos tudo ali, nem que seja passando fome, mas era tudo ali. A escola que tinha também era pequena, só ia para escola com sete anos e quem conseguia chegar até o quarto ano era uma salvação!

**TATI** – O quarto ano era que nem chegar na faculdade?

**DAURA** – É! É o ginásio de hoje, mais ou menos isso, mas era difícil!

**DANIEL** - A senhora lembra quando chegou o rádio pela primeira vez?

**DAURA** – Olha, eu não lembro muito bem do rádio. Nós não tínhamos nem rádio, nem televisão, nem nada. Quando meu pai comprou um rádio eu devia ter uns dez anos, mais ou menos... Aquilo ali, Deus me livre, era uma riqueza! Tinha bem poucas pessoas, a primeira pessoa que teve televisão aqui foi o Seu Milton, do estacionamento. Em seguida foi os pais do meu marido, porque eles moravam em Santos e trouxeram para ele. Rádio era gente que podia comprar! Aí duas ou três pessoas no lugar é que tinham. Quando era época da Copa, esses jogos do Brasil, que as pessoas queriam escutar, tinham que ir na casa de quem tinha rádio. Não tinha nada disso! É bem índio mesmo! Só faltava a maloca! E muitos que moravam em casa de palha mesmo, de maloca!

**DANIEL** – E quando começou a chegar televisão?

**DAURA** – Aí já foi melhorando... Também eram contadas as pessoas que tinham. Quem tinha primeiro, é como estou falando, quem tinha um pouquinho a mais. Depois as pessoas foram estudando. Quem era professor, esse negócio, ou quem era dono de rede de tainha, que naquela época dava muito dinheiro, tinha muito peixe... Essas pessoas sim. Ou quem tinha venda, porque antigamente não era mercado, era venda que chamavam, um balcãozinho ali, com saco de açúcar, coisa que a gente comprava por grama e por quilo, meio quilo, grama. Não tinha nada dessas coisas que a gente vai no mercado... Eu me criei assim: tudo comprado por grama! O sabão era em pedaço... Quem não podia comprar um pedaço de sabão, comprava metade de um pedaço de sabão. A única coisa que as pessoas compravam aqui com fartura era a farinha... A gente agora compra em quilo! Eles não, comprava com



meio arquê, um arquê, um saco. Um saco, é um saco de 60 kg. Um arquê tinha 30 kg, meio arquê tinha 15 kg, mais ou menos. Era assim! A única coisa que era fatura era a farinha. Quem plantava tinha, quem não plantava comprava, aí comprava dos engenhos, porque tinha engenho na Costa, tinha engenho onde é o [Balneário dos] Açores, ali tinha um engenho de farinha...

TATI – Era baratinho, daí...

DAURA – Era barato, tinha muita gente que fazia. As pessoas que faziam farinha vinham vender. Época de farinha, eles pegavam os cavalos e aqueles cestos que tinha ao lado, não era o tipiti - tem outro nome que não lembro-, mas eles botam ali, enchiam saca de farinha e saíam vendendo aqui no Pântano. Quem podia comprar, comprava, quem tinha peixe, trocava por peixe! A única coisa mesmo, de fatura era peixe e farinha.

TATI – E a farinha era base da alimentação...

DAURA – A base da alimentação. Tinha que ter farinha para tudo!

TATI – A farinha comia como?

DAURA – Comia o pirão. Tinha pessoa que plantava o feijão, aí já tinha feijão. Quem não tinha o feijão comia mesmo com o pirão d' água, ou caldo, essas coisas. E mais, era farinha.

TATI – E fazia pão, bolo, alguma coisa assim, não?

DAURA – Não, nada disso!

TATI – Nada, tortilha, não?

DAURA – Não, nada disso!

TATI – Tudo mais, pirão?

DAURA – Tudo, tudo... As coisas de café da manhã, na época que eu me criei, era banana, era batata-doce, aipim... Nos mercados, na venda não existia pão, nem biscoito, nem bolacha, nada... Isso a gente foi ver depois de um tempo, começaram a trazer primeiro os biscoitos, aqueles biscoitinhos, não é desse da feira, é um tipo bem torrãozinho, entendestes? Uma bolinha assim bem torrãozinho... Umas rosquinhas... Depois foi vindo pão, porque daí o pão vinha do Ribeirão da Ilha, foi lá que começou os padeiros a fazer pão. Vinham de lá, trazer para cá... Era bem, bem difícil!

TATI – Onde a senhora nasceu?

DAURA – Eu nasci aqui no Pântano do Sul mesmo! Minha mãe teve cinco filhos, foram todos os quatro em casa e a última é que foi na maternidade, o resto foi tudo em casa...

TATI – Tinha parteira?

---

## ENTREVISTA COM DAURA LUCIA CORREIA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/daura/>

**DAURA** – Tinha parteira. Uma senhora que era parteira. Tinha uma aqui e tinha outra na Armação.

**TATI** – A senhora sabe o nome delas?

**DAURA** – A daqui era Joana, e a da Armação, Luisa, uma senhora bem de idade.

**DANIEL** – Fazia renda, para tirar um dinheirinho para comprar o quê?

**DAURA** – Era tudo que precisava... Era comida, quando precisava, porque roupa, naquela época, era bem difícil as pessoas comprarem roupa. Rasgava, eles ficavam remendando tudo, tinha roupa que era mais desenhada do que o *patchwork* que hoje em dia existe! Era bem assim... Bem costurada! A mãe contava que a minha avó costurava na mão, fazia roupa tudo na mão, até calça de homem, camisa... Tudo assim! Dizem que não eram tecidos como a gente tem hoje, era mais algodão, essas coisas, brim... Tudo essa dificuldade!

**TATI** – E a costura, com quem a senhora aprendeu?

**DAURA** – A costura eu aprendi... Foi assim: fui morar com esse meu tio, que casou, e a esposa dele costurava... Ela ia cortar costura eu começava a olhar, quando ela saía para trabalhar eu ia lá na máquina, mexia, começava a tentar aprender a trabalhar na máquina. Disso aí tive uns seis meses, mais ou menos, de aula de costura, mas não faço nada pelo que eu aprendi na aula. Faço porque eu aprendi com ela e fui aprendendo com o tempo, fui metendo a cara, fui fazendo e fui me virando...

**TATI** – Eu ia perguntar... Aonde a sua mãe e o seu pai nasceram?

**DAURA** – Todos os dois também foram aqui no Pântano do Sul.

**DANIEL** – E os pais deles?

**DAURA** – Dos meus pais? Olha, os meus avós, da parte da minha mãe, sei que eram daqui. Da parte do meu pai era mais do lado lá de Paulo Lopes, para lá. Parece que eles tinham raízes por lá. Dizem que a gente ainda tem parentes por lá. Sobre o meu pai, nunca soube muita coisa dele, porque eu não cheguei a conhecer os meus avós paternos, eu não conhecia muita coisa. Os pais da gente, antigamente, tinham muita coisa assim, eles não gostavam muito de se expor. Não, hoje é tudo mais declarado para as crianças, tudo a gente já vai dizendo, quem é fulano, quem é tio, quem é pai, avô, parente, essas coisas... Antigamente já não era. Era quem vivia ali por perto e, às vezes, um estranho, vizinho da gente, a gente chamava de tio e tinha respeito como se fosse tio mesmo e não era não! Não era parente, não era nada, só porque os pais da gente ensinavam. “- Tio” Dava a bênção e era tudo assim, tudo diferente de hoje! Hoje em dia, quem chama de tio já são os adolescentes, que chamam qualquer um de tio.

**TATI** – Professora é tia!

**DAURA** – É, essas coisas!

**DANIEL** – E antigamente o pessoal contava muita história de lobisomem?

**DAURA** – Contar eles contavam essas coisas, que existia. Na minha época já não, a gente nem tinha medo, eu nunca... Porque meu pai, minha mãe nunca falou essas coisas para nós. Os bem mais velhos do que a minha mãe é que falavam essas coisas. Aí eu não sei se existia isso, nem sei te informar porque é conto deles, eu não sei nem te contar como era...

**DANIEL** – Disseram para a gente que quando chegou a luz elétrica, aí ninguém mais tinha história!

**DAURA** – Mas sabe porque que eles dizem isso? Eu acho assim: naquela época era muito escuro, tinha muita árvore, muita coisa, tudo era sombra. Dava uma noite de lua, via alguma coisa se mexendo, as pessoas já estavam com medo, achavam que era aquilo ali, tu não achas que é? Tu achas que só por causa da luz deixou de vir lobisomem? Eu acho que não é uma coisa... Na minha opinião... Eles também falavam, tinha gente que falava que via os espíritos de pessoa morta: “- Passei em tal lugar...” Até o meu pai dizia... Vinha da tarrafa, porque eles saíam de noite para tarrafejar, vinha da tarrafa e via, quando olhava assim de longe, via aquela pessoa sentada. Depois, quando chegava perto, não estava nada! Eu acho que aquilo tudo era medo que eles sentiam, porque viviam com medo... Era escuro, não tinha nada, viam as imaginações. Na minha opinião, acho que é isso, de repente não é... De repente é história.

**DANIEL** – A senhora começou bem criança [a fazer renda]? Aprendeu como?

**DAURA** – Bem criança. Aprendi com a minha tia. Minha tia que começou a ensinar. Ela fazia renda e, na própria almofada dela, ela pendurava os bilrinhos ali para a gente ir aprendendo. Depois, quando a gente começou a já saber trocar os pares, que conseguia. aí fazia uma almofada para a gente. Botava o pique e aí a gente aprendia primeiro em renda metro. Fazer renda em metro. Não era assim, agora, como tramoia, era aquelas rendinhas bem delicadinhas, sabe? Que tinha antigamente, era bem bonita! Agora a gente quase não vê mais isso daí...

**TATI** – Era essas que põe assim, na roupa?

**DAURA** – É, bem assim. Essas bem bonitinhas...

**TATI** – A tua mãe chagava a desenhar, não?

**DAURA** – Não, a minha mãe nunca desenhou.

**TATI** – Eu estava reparando, tem uns bilros bem bonitos, aí, de duas cores...

**DAURA** – Tem, tem... Olha, esses aqui, esses aqui eram da minha mãe, esses bilros. Todos esses que eu tenho, tenho um cesto ali cheinho... Porque eu faço essas rendas grandes e vai tudo, tem renda, como aquela parte ali do vestido, levou quarenta e dois pares! E numa almofada grande... Foi muito bilro.



**DANIEL** – Antigamente tinha aqui no Pântano do Sul Terno de Reis?

**DAURA** – Tinha. Terno de Reis, Boi de Mamão, essas coisas tinham aqui e era bem bonito! Bem mais bonito que esses que eles cantam agora. Era bem bonito mesmo! Terno de Reis, Boi de Mamão... Essas coisas de data festiva, faziam fogueira de São João, essas coisas todas! Agora que não tem mais isso, porque se fizer, aí já viu, não é? Não deixam nem apagar a fogueira! *[Risos]*

**DANIEL** – O pessoal ia tocando de casa em casa, como era?

**DAURA** – De casa em casa, é. Em todas as casas eles iam. É como te falei: as casas nem eram perto, nem eram longe. Mas não tinha divisão de terra, sabe? Aí todo mundo passava, saía aqui da porta, já passava ali no quintal da outra, já ia assim, não tinha negócio de portão, nem de muro, nada disso! Uma ou outra aí que tinha uma cerca de bambu, no mais era tudo assim, tudo bem à vontade!

**TATI** – Para fazer aquele vestido que a senhora está fazendo, é um pique do vestido? Ou adapta...

**DAURA** – É um pique. Foi tirado inteiro o pique. Não fui nem eu que tirei, foi minha irmã que tirou, porque eu não sou muito de tirar o desenho... Mas ela desenha, tendo outro, ela desenha. Aí eu pedi de uma moça que era amiga da Virgínia, um dia encontrei com ela, ela vinha da praia, aí eu vi.

**TATI** – A senhora viu o vestido, mesmo?

**DAURA** – O vestido mesmo. A gente tirou pelo vestido. Só que não é dessa nossa renda, é daquela renda do Nordeste. E eu tirei o desenho para fazer da nossa renda. Essa renda do Nordeste, muitas são como uma fábrica, uma máquina. Nem todos são, porque lá também fazem renda de bilro, mas muitos são um tipo de uma máquina que faz aqueles desenhos. Fica tipo de um desenho e eles montam. Fica bonito! Ela até passou para mim, eram dois vestidos e uma blusa. Aí eu só fiz uma parte ali do vestido, disse: vou demorar muito com isso aí, deixa chegar mais perto do verão... É muito demorado!

**TATI** - Quanto tempo levou aquela parte?

**DAURA** – Olha, levei quase um mês aquele ali. Era muito trabalhoso, você faz uma parte, depois tem que pegar a outra, difícil...

**DANIEL** – Quais os tipos, não sei se chama ponto ou trama, quais os tipos?

**DAURA** – Tem a tramóia e tem a renda daquela redonda ali, que é perna cheia e trança. São os únicos pontos que tem diferentes. A tramóia só passa, é só passar! É uma trama que passa para a direita, depois passa para a esquerda. E a renda de perna cheia e trança, não, ela é uma renda que tu fazes ela direto. É diferente... Tem o meio ponto, ali tem também, só que dizem que tem algumas rendas - não conheço direito, isso me falaram-, umas são com bilros e outras tem tipo de uma máquina que faz. Quem falou para mim isso foi uma senhora ali de Santo Antônio de Lisboa, ali na alfândega. Eles vêm e trazem muito para vender ali na Lagoa, mas ela disse que não é renda de bilro, trazem e vendem... É praticamente igual! Também, se ela não falasse isso, eu não sei nem diferenciar uma da outra!

*[Conversamos sobre uma peça de renda]*

TATI – Esse daqui, como que é?

DAURA – Esse aqui é meio ponto, esse vermelho é meio ponto. Essa branquinha aqui é perna cheia. Esses daqui também são tudo perna cheia. E aqui é o bico passado, quase igual à tramóia, só que é tudo torcido. Essas pontinhas aqui também é perna cheia...

TATI – E a trança, que a senhora falou?

DAURA – A trança é essa aqui, ó... Quatro pares que fazem um laçado, assim, a trança se faz assim! Ó, esse aqui é a trança...

TATI – Aí vai usando para fazer linhas...

DAURA – É, aí vai fazendo os quadradinhos, saem os quadrados...

DANIEL – Quanto tempo leva para fazer, esse aqui?

DAURA – Olha, eu fiz essa aí em uns quatro dias. Bom, eu não trabalho o dia todo, só mais à noite. Mas quem faz direto, em uns dois dias dá para fazer... Desse tamanho.

TATI – É umas dezesseis horas?

DAURA – É. Quem faz rápido, quem tem prática... Agora você que não tem prática vai demorar um tempão...

TATI – Chega uma hora que parece que a mão já vai sozinha...

DAURA –É isso mesmo! É verdade! A gente vê que quem está assistindo pensa que é uma coisa que tu não olhas, não precisa nem olhar, mas tu já tens o saber daquilo ali, tu não precisas olhar... Só vai olhar aonde tu vais puxar, ou então pregar o alfinete, para fazer o traçado, ali.

TATI – A senhora sabe, não sei se a sua mãe já comentou também, sempre foi alfinete, ou usava alguma outra coisa no lugar do alfinete?

Olha, dizia a minha mãe que eles usavam até espinho! Espinho de laranjeira, da arumbeva. A arumbeva é uma planta, como cactos, é toda cheia de espinho. Elas falavam que eles usavam espinho de laranjeira, usavam esse espinho de cactus, que chamava arumbeva... Porque imagina, naquela época não existia muito essas coisas...

TATI – Até hoje, é caro alfinete, não é?

DAURA – Não acho caro não! Porque hoje esses são uma porcaria, esses de bolinha... É fraquinho que é uma coisa, dizem que esses aí vêm do Paraguai. Qualquer coisinha ele fica tortinho, olha só! Mas eu uso assim mesmo! Eu gosto mais desses do que do outro simples. Mas parece que é setenta e cinco centavos, mais ou menos, tem uma dúzia, uma dúzia e meia... Uma coisa assim.

TATI – A almofada, a senhora que construiu?

DAURA – É, era da minha mãe! Mas eu sei fazer almofada. Eu fiz uma ali - uma grande que tenho, faço a renda grande-, eu pus dois travesseiros e um edredom de solteiro, enrolei e fiz a almofada! Porque não ia ter palha para fazer tudo isso... Tem que ter imaginação, não é? Mas dá para fazer assim, com travesseiro. Não usa mais travesseiro? Enrola ele assim bem enroladinho... Se quiser, para ele não ficar muito leve, pode até botar uma pedrinha dentro, que não seja muito grande. Depois pega o travesseiro, enrola, pega um pedaço de pano e enrola também, costura, é aquilo ali, não tem segredo nenhum. Antes não, eles faziam com marcela, faziam com capim de colchão, um capim que dá no morro. Eles antigamente usavam o colchão desse capim. Não existia colchão de fora, então eles iam pegar capim no Costão, no morro, deixava secar e fazia o colchão. Enchiam, fazia um colchão de tecido e botava o capim dentro... Ou palha de arroz, quando começou a plantação de arroz, que tinha na época ali em cima, perto da Costa de Cima tinha plantação de arroz, as pessoas mudavam praquilo ali. Não era macio mas dava pra dormir, melhor do que dormir sem nada.

[Corte]

DANIEL – As mulheres iam na praia?

DAURA – Não! Só iam mesmo para tirar marisco e pegar siri, essas coisas... Esse negócio de pegar praia, ir na praia, foi de uns anos para cá. Nem quando eu era moça. Eu devia ter o quê? Uns dezesseis, dezessete anos, por aí que começou essa história... Começou primeiro com aquela gente do seu Manoel Coelho ali. Aqui no Pântano foi! Vinha ele, começou. Ele não tinha casa lá no Costão, tinha ali aonde é a Pousada da Olga, era uma professora que morava, ele depois começou a vir ali. A família dele vinha, começaram a vir para a praia e as pessoas foram pegando o hábito de ir. Mas mesmo assim não era comum... Era bem as pessoas que tinham a cabeça já mais aberta. Quando nós éramos meninas, tomávamos banho mas era de vestido! Ninguém botava maiô, não tinha nada dessas coisas não... Tinha que ser de vestido ou então combinação, como se chamava antigamente. Era um tipo de camisola de alcinha, era só assim! E os meninos tomavam banho pelados, ninguém nem ligava para nada! Era tudo assim... Era índio mesmo!

TATI – Mas de criança brincava de ir no mar, essas coisas?

DAURA – Criança ia, depois começou, as crianças brincavam, nas canoas existia um rolo... As crianças brincavam na água com aquele rolo, era assim! Mas no tempo da nossa mãe, não! Elas nunca foram para a praia, nem sabiam o que era, que existia essa coisa assim! Isso aí foi um tempo que já faz muitos anos, mas não é muito antigo não, porque no Rio de Janeiro, uma cidade famosa, a gente de vez em quando vê reportagem, não sei qual foi uma mulher que foi a primeira a botar um maiô, uma atriz dessas antigas...

[Corte]

DAURA – Quem morava no Costão, dava para ver as casas todas que tinham aqui no lugar! Porque aqui nessa direção do nosso terreno só tinha a casa do meu avô e a casa da minha mãe. E daqui do lado, onde é a casa do Vilson, na direção só tinha uma casa, lá perto da igreja!

TATI - Quantas pessoas será que moravam no Pântano do Sul, na época que a senhora era criança?

DAURA – Eu acho que eram bem poucas mesmo!

DANIEL – E tinha plantação do quê aqui no Pântano do Sul?

DAURA – Plantação? Bom, aqui mesmo, no local, as pessoas plantavam mais coisa para comer... Era milho, chuchu, tinham os cafezais, a laranjeira, quase todas pessoas tinham. E cada um fazia um quintalzinho para plantar uma verdura, um repolho, uma coisa assim... Tinha época de plantar, não é? Agora tem o ano todo e antes não, era só na época que tinha! E plantação grande que faziam, de feijão, de arroz, essas outras coisas, eles iam plantar lá pro Morro do Saquinho, lá pro Morro do Matadeiro, porque tem mais espaço. Mandioca, essas coisas!

TATI – Acho que a terra, também é melhor?

DAURA – A terra também, porque aqui é mais areiada, aqui é só coisa fraca, mesmo, coisa caseira, cebolinha, essas coisas assim!

DANIEL – E tinha mais árvores?

DAURA – Tinha. Era bem arborizado! É como falei pra ti, tu vê, daqui, desse terreno todo até a igreja, era do meu avô, ia até lá nos Açores - para lá já foram tudo vendidos para os outros membros da família-, era um cafezal. Tudo isso aqui era cafezal. Aqui, aqui do lado, tudo. Era cafezal puro! Só ia ter um descampado mesmo daqui da casa do Wilson para lá, que não tinha plantação de café. No mais, daqui até ali, mais ou menos, na direção da saída da rua, era tudo cafezal: café, laranjeira, essas coisas. Tinha muita sombra... Aqui as casas todas, as poucas casas que tinha, mas todo mundo tinha seus pés de árvores grandes. Muita sombra. Não era tão calor como é agora, porque tinha mais sombra.

TATI – E quando entrava vento sul, o café não sofria?

DAURA – Aí ele sapecava um pouco, ficava um pouco sapecado, as folhas que eram mais assim para perto da praia... Como eles diziam: “assava” as folhas todas...

DANIEL – Eles faziam aqui o café sombreado, embaixo das árvores, ou não? Eles plantavam?

DAURA – Não, nem sei, nunca ouvi falar desse café sombreado... E não era pé de café como a gente vê em São Paulo, que é tudo baixinho. Não era! Era tudo café tipo laranjeira, pé de café alto mesmo, tinha que botar escada, subir para poder apanhar!

DANIEL – E o pessoal vendia esse café ou era só para consumo?

DAURA – Não, era mais para consumo... Cada um fazia para si, consumo.

TATI – Brasileiro gosta de um cafezinho, não?

DANIEL – Trabalha para fazer...

DAURA – Era gostoso! Café feito em casa, assim! Torrado. Eles torravam, secavam, no quintal, chagava de noite recolhiam, botavam tudo em caixote. No outro dia de sol botavam tudo de novo no sol, até secar bem. Depois eles socavam no pilão, ficava só aquela semente e aí eles guardavam, que era para torrar. Torravam...

*[Corte]*

*[Comenta sobre a renda que está fazendo]*

DAURA – É, agora tem que ir, é assim mesmo! É um quadrado para por aquela ali no meio, ó! Aqui é a parte mais comprida, essa aqui vai ter só sete bilros, mais ou menos aqui, e aquela parte entra aqui dentro.

TATI – Prende na mão, daí?

DAURA – É, fica bem bonito.

TATI – Aquela redonda é de uma vez só?

DAURA – Não, aquela redonda é feita por etapas.

TATI – Também é montada então?

*[Daura demonstra]*

DAURA – É, aqui primeiro é essa parte, depois essa aqui, depois essa, depois essa, depois essa aqui. Então é duas, três, quatro, cinco vezes!

TATI – E o pique é redondinho?

DAURA – O pique é redondo!

*[Apresenta as peças de renda]*

DAURA – Essa aqui, essa é a parte, uma parte, um quarto. Dá para pegar bem? *[Dirige-se ao câmara]*

TATI – Essa que é tudo quadradinho, como é que chama mesmo?

DAURA – Esse aí é meio ponto, essa é meio ponto, torcido e perna cheia. Mas é muito bonita!

DANIEL – E o que se fazia de uso da renda, mudou de antigamente para hoje? As pessoas antes faziam porta-copo, por exemplo...

DAURA – Nada, não. Mudou porque hoje em dia tem essas novidades! E antigamente, não, só fazia mesmo toalha, colcha, só essas coisas, não faziam nada de roupa... Tinha pessoas que faziam para botar em lençol, fronha, essas coisas assim. Mas desses desenhos que tem hoje não tinha.

TATI – A senhora tem alguma peça bem antiga, alguma coisa que a senhora guarda, afetiva, de renda?

DAURA – Não, eu tinha, mas já dei tudo que tinha. O que era antigo, que era a minha mãe que fazia, eu dei para as minhas filhas... Cada uma ficou com uma peça...

DANIEL – Como a gente distingue uma boa renda de uma renda mal feita?

DAURA – Ah, quando é bem torcida, uma rendinha bem torcida... Tem tudo a ver... Ela sendo bem torcida, bem cochada, como a gente diz, bem puxadinho, assim, fica bem esticadinho, aí a renda é bem feita! E quando é bem tampadinha, assim, bem certinhos os desenhos, não fica muito esburacada...

TATI – Tem umas que saem, parece até que estão engomadas!

DAURA – É! Mas também depende da linha. Porque essa aqui já não é tão dura, é molinha, porque a linha é mole. Agora, para sair durinha, é aquela renda de carretel, a linha de carretel, aquela sai bem durinha!

TATI – A linha fina é a do carretel?

DAURA – É, isso. Essa minha aqui não, essa aqui eu trabalho com a linha Anne e a Esterlina. A Anne é a mais grossa.

DANIEL – A senhora acha que com o passar dos anos a renda vai melhorando?

DAURA – Olha, pelo que começou agora eu acho que até pode melhorar. Se continuar assim pode melhorar... Porque a parada que deu, a gente achava até que isso ia sumir, que nunca mais ia aparecer. Mas com essa renovação agora da renda, eu acho que vai melhorar! Tem mais opção, tem mais desenho, não fica numa coisa só! Acho que vai melhorar isso aí...

TATI – Faltava ter um espaço onde as pessoas pudessem trocar as experiências?

DAURA – Pois é, mas elas vão assim, só que cada local também não quer passar, entendeste? Tem pessoas que não querem passar o que tem para outras... Lá em Santo Antônio de Lisboa, a gente vai lá, mas só se comprar! Elas não passam, não...

TATI – Tem venda também, de pique, de desenho?

DAURA – Não. Vende a própria...

TATI – Vende a própria peça e depois tira...

DAURA – Isso. Ou quem desenha, as pessoas que fazem o desenho, aí não sei... Eu acho que aqui não tem ninguém que faz isso, mas lá em Santo Antônio tem pessoas que elas mesmas criam a peça! Eu já vi senhora lá fazendo, eu disse: olha, eu que conheço pique, eu não fazia o que ela faz. Porque parece que ela faz, se aqui tem esse desenho, aqui ela já faz outro desenho por cima, não sei como é aquilo! Fica bonito, entendestes? Eu achei muito estranho, perguntei para ela se foi ela que tirou, ela disse: “- Não, estou trabalhando, eu que crio esse trabalho!” Falei: assim é bom! Eu não sirvo para isso não...



DANIEL – Dos bairros, hoje, qual tem mais rendeiras ainda vivas, você acha?

DAURA – Eu não sei... Deve ser lá para Lagoa, não é?

DANIEL – Na Lagoa, ou na Barra da Lagoa?

DAURA – Na Lagoa mesmo, acho que é! Em Santo Antônio de Lisboa também deve ter bastante...

DANIEL – Lagoa, que vocês falam, inclui a Costa da Lagoa, ou não, é a Lagoa da Conceição?

DAURA – Eu não sei muito te explicar sobre isso ali... Até minha irmã, de vez em quando, me convida: "Qualquer dia nós vamos lá na Lagoa, porque tem aquele casarão, vamos lá ver as novidades, tirar algum desenho." Ela diz para mim, mas eu já tenho um monte de desenho, o guarda-roupa aí em cima está cheio! Lá sempre teve, nunca deixaram de ter a renda. A Lagoa nunca deixou de fazer!

DANIEL – Eu não entendo onde elas moram, porque ali teve tanta gente de fora vindo, não sei onde que é a vila ali... Porque a gente só vê casão ali na Lagoa!

DAURA – É! Mas na Avenida das Rendeiras, tu vê que tem até esse nome porque era ali que elas faziam mesmo, tem as casinhas, elas até vendem e fazem ali, direto.

TATI – É! Lá é meio... Tem um casão, um restaurante, uma casinha!

DAURA – Isso, é mais ou menos assim... Deve ser por algum recanto, eu acho que é mais para a parte da ponte para lá... Acho que ali por dentro, naquele meio deve morar mais as pessoas. Mas se um dia vocês quiserem informação, só se vocês forem lá no casarão, aí elas sabem onde fica, onde as pessoas moram.

DANIEL – Que tipos de desenho, que tem?

DAURA – Agora tem o tipo que a pessoa quiser fazer! O desenho que a pessoa quiser tirar, construir ali, o desenho para desenhar.

DANIEL – Mas tem galinha? O quê?

DAURA – Tem galinha, tem borboleta, aquela de borboleta fui eu que fiz! [*Indica sua renda emoldurada na parede*] Tem anjinho, tem boneca, tem caracol, o Dinho está fazendo ali, disse que é uma foca, eu não vi o que é, mas é uma foca...

TATI – O Dinho? Um homem?

DAURA – É, o Dinho está fazendo! Ele fez até uma galinha! Já fez uma galinha, pode ir lá ver, está fazendo hoje! Passa ali, depois, só para vocês verem... Tem muita coisa, muito desenho! Tem a ponte, a ponte Hercílio Luz já estão fazendo. Eu fiz uma mas não gostei!

DANIEL – Quem desenha? Qualquer pessoa? Como que é?

DAURA – É! Quem tem experiência é que sabe desenhar!

DANIEL – São poucas mulheres que desenham?

DAURA – São... Não precisa ser mulher, basta a pessoa ter ideias e passar aquilo ali no papel, fazer aquele desenho no papel... Aí quem quer vai lá, tira xerox, põe em cima do papelão e trabalha ali em cima! Agora estão fazendo assim, porque antes a gente fazia pique por pique, agora estão fazendo assim.

TATI – Isso que eu ia perguntar: se a senhora pegar um pique, não viu a peça pronta, nada, alguém te dá o pique, batendo o olho tem como saber se é tramóia, se é perna cheia?

DAURA – Ah! Sim!

TATI - Como?

DAURA – Porque é diferente! A gente que sabe é diferente. Estás vendo lá a diferença uma da outra.

TATI – Já vai vir desenhadinho?

DAURA – É claro, lógico, tem toda diferença! Bem diferente mesmo.

DANIEL – A maioria que vejo são animais, tem a galinha, a borboleta, a maioria são temas animais?

DAURA – É, isso!

DANIEL – Interessante!

DAURA – É, porque outro tipo, flor, já mais ou menos é aquele desenhinho ali das pernas cheias, é uma florzinha aquilo dali... Mais ou menos isso!

TATI – É uma florzinha... Tem trevinho?

DAURA – É. Trevo, coraçãozinho, peixinho, tem peixe! Umas coisas assim...

DANIEL – Como faz a almofada?

DAURA – A almofada se faz com capim ou com marcela, ou qualquer tipo de enchimento, pode ser um travesseiro, alguma coisa que possa enrolar, fazer um rolo e depois é só por essa capa por fora, um tipo de saco que a gente costura. Põe ali dentro o enchimento, depois é só fechar e fica almofada. Dependendo, ela tem que ficar redonda, não pode ser quadrada!

DANIEL – A senhora chegou, quando pequena, a ter que vender lá na Lagoa?

DAURA – Não, nunca saí daqui. Quem vendia era a minha mãe, ela que levava. Ela ia. Quando era aqui, que as compradeiras eram daqui do Pântano do Sul, a gente levava na casa delas. Mas depois, quando mudou quem vendia, tinha pessoas da Lagoa que vinham comprar aqui, era assim.

DANIEL – Também falava-se muito de bruxa, antigamente?

DAURA – É, também antigamente falavam que as crianças se embruxavam, essas coisas assim! Aí eu já não tenho... Histórias que, quando a gente era pequena, escutava eles falarem. Eu fui uma pessoa que nunca insisti nessas coisas. Me criei assim, eu escutava, mas nunca liguei para isso! Nunca, passei isso para as minhas filhas, também. Eu acho que isso aí era uma besteira... Eu acho que não tinha nada disso!

DANIEL – Mas eles falavam que atacava as crianças...

DAURA – É, as bruxas atacavam as crianças. Quando a criança nascia, tinha que... Ah, um monte de coisas que tinha que fazer pras bruxas não pegarem. Dava, não sei se era dor de barriga, nem sei contar muito a história direito não. Costela caída, não sei o que lá, aquelas histórias... Nunca me interessei muito nisso não!

DANIEL – Tinha alguma mulher da comunidade que o pessoal falava: “Aquele ali é bruxa”?

DAURA – Falar eles falam... Até eu eles podiam dizer: “Aquele ali é uma bruxa!” É assim, mas essa história nunca me chamou atenção, para ficar vendo aquilo ali, não sei, eu nunca gostei de me informar, nem ficar atenta a isso aí...

DANIEL – Mas o pessoal ficava marcando uma mulher, falando que ela era bruxa?

DAURA – É, falavam que era bruxa...

DANIEL – Se era mulher solteira, já diziam?

DAURA – É, eu acho que isso aí era de pessoa já de idade... Diziam que quando a criança nascia, se uma pessoa fosse visitar e a criança aquela noite não dormisse, aí achavam que aquela pessoa era bruxa! Era assim, tinha essas coisas, por isso acho que isso era uma tolice, não tem nada a ver!

DANIEL – E quando uma pessoa ficava doente, como fazia...

DAURA – Era tratado com chá! Quando não dava certo, morria. Não tinha médico... Quando não descobria o que era, tinha muita coisa assim: “- Ah! Fulano morreu...” “- De quê?” “- Uma dor no estômago!” “- Ah! Fulano morreu!” “- De quê?” “- De repente, comeu tal coisa e fez mal!”

TATI – Às vezes, até novo, morria?

DAURA – Claro! Eu perdi uma irmã, tinha quatro anos. Mas nessa época, minha mãe levava no médico todas nós! Muitos nasciam e morriam... Quando morria cedo, diziam que era o mal de sete dias... Aquelas histórias que eu não sei por que, tinha a ver com setes dias, porque tinha que cair o umbigo primeiro, não caía o umbigo... Essas histórias...

TATI – E o médico que ela levava, onde era?

DAURA – Tinha que ser na cidade mesmo. Na época só tinha o Hospital de Caridade e tinha um local que a gente chamava Assistência, que era mais ou menos ali na rua Sete de Setembro, ali perto das lojas Americanas, mais ou menos por ali, o Departamento de Saúde,

hoje em dia. Nem sei se tem mais esse nome, Departamento de Saúde, acho que agora é a Clínica do centro. Era naquele local, como se fosse um posto de saúde, todo mundo ia para lá... Lá era grande, mas era cheio. Ali era atendido tudo. Isso na época que eu já sabia, mais ou menos, das coisas, aos dez, doze anos, que a gente começava a ir na cidade, começava a conhecer as coisas... Mas do tempo da minha mãe, não sei como que era...

**DANIEL** – E benzedeira, tinha?

**DAURA** – Benzedeira tinha a Dona Maria do Araújo, chamava Bibia do Araújo, que morava lá onde é mais ou menos a casa da Nana, mais ou menos por lá. Perto de vocês, ela morava lá... Num caminhozinho que a gente ia pro Costão, ali por baixo, a casa dela era mais ou menos naquela direção ali. E tinha mais alguma... Hoje eu acho que só que tem a Dona Hilda, a irmã do Arantes, que benze... O povo de hoje já não liga mais para essas coisas. Se vem uma coceira, diz que é alergia. Vai no médico e já sabe o que é. Hoje já tem tudo na porta. Às vezes a gente procura, não tem, mas pelo menos está ali o posto. Médico não existe... Quarta-feira fui lá, não tinha médico, mas tem o posto!

**TATI** – Teoricamente, teria o médico!

**DANIEL** - Por isso que o pessoal vai na benzedeira!

**DAURA** – Isso mesmo!

**DANIEL** - A senhora poderia mostrar para a gente alguns desenhos?

**DAURA** – O pique? Posso!

*[Fala sobre as linhas que utiliza]*

**DAURA** – Essa é Anne... É tudo linha comum: [marca] Círculo; do carretel [linha corrente]... A outra que faz crochê: A Cléa, a Anne e essa Esterlina. Tudo a gente trabalha com essas linhas...

**DANIEL** – E ela tem um número?

**DAURA** – Tem que ter número. Essas, a Anne e a Cléa, não tem número, só tem a cor. A gente pede a cor que quer. Elas vêm com número [da cor]... Mas eu não sei, a branca é branca, se é de cor, aí tem que ter sempre a partida, a cor da linha para comprar igual se faltar. Se está na metade do trabalho é obrigada a fazer igual. Essas daqui a gente compra, só leva um pedacinho da linha e diz qual é a marca da linha, pronto. Também não é toda linha que faz a renda. Porque uma linha bem mais grossa a gente já não pode fazer, fica muito grosseira...

**TATI** – E também se vai correr bem?

**DAURA** – Sim, não corre bem! Tem que ter, as melhores que tem para a gente fazer são essas!

**DANIEL** – E a senhora acha que tem o risco de desaparecer?

**DAURA** – Não, eu acho que não. Pelo modernismo, hoje é difícil as pessoas mais novas estarem querendo fazer isso, porque é uma coisa que não dá muito futuro. Até, de repente,

sim! Porque tu não vês aqui quanta gente que aprendeu agora? *[Refere-se às oficinas para ensino da Renda de Bilro realizadas na Associação de Moradores do Pântano do Sul]* Mas são pessoas que aprenderam, que já estão aqui, não estão trabalhando, não estudam, aí fizeram por uma opção de ter um trabalho manual, só isso! É, mesmo a pessoa que é aposentada, não tem nada, uma outra ocupação, vai procurar fazer um crochê, uma coisa assim! Eu estou num cursinho, uma vez por semana, no patchwork. Uma coisa que eu não sabia, fui aprender! Mas para a pessoa viver disso aí, no futuro, eu acho que não tem como...

**TATI** – Já houve quem vivia disso?

**DAURA** – Sim, já passou o tempo. Agora as pessoas estudam, tem mais facilidade das coisas. Se fosse um serviço para aprender, se fosse uma máquina, uma coisa assim, de repente alguém queria industrializar aquilo ali, não é? Mas só assim, manual como é, acho que só para quem ficar mesmo para fazer por recordação.

**DANIEL** – Porque o valor não compensa, a quantidade de horas?

**DAURA** – Não, não compensa! Porque é uma coisa que tu não sabes se vai vender ou se não vai vender! Se tivesse uma encomenda, tudo bem. Como a roupa, eu vou montar uma fabriqueta, põe ali duas, três costureiras e vou construir aquilo. Mas uma renda, tu não tens encomenda! Uma época ou outra é que aparece gente ali e está comprando, mas é coisa de novidade, para quem não conhece. Para futuro não.

*[Corte]*

*[Responde sobre o motivo de uma baixa na produção e comercialização da renda]*

**DAURA** – Olha, o que posso dizer para ti? Uns trinta anos atrás, eu acho. Não, menos, uns vinte anos atrás, mais menos...

**TATI** – É que a gente está tentando descobrir por que decaiu?

**DAURA** – Mas o porquê? Porque não tinha quem comprasse! Não tinha saída, não tinha quem comprasse. A única que ficou ali comprando foi a Kátia. E também quem fazia eram bem poucas pessoas, porque era uma coisa que ela, às vezes, encomendava, queria que fizesse mas ficava, demorava ali para vender! Aí cada um ganha o seu salário mínimo, porque são pessoas que já trabalharam, se aposentaram, ganhava aquele dinheirinho ali e desistiam de estar sentada numa almofada fazendo aquela renda para não sei quando é que vai vender... Agora, eu já penso assim: faço para me ajudar a mente, para distrair. Porque se fico sozinha em casa, o Maninho [o marido] sai essa hora, vocês viram, ele só chega onze horas da noite. Eu vou ficar aqui só assistindo televisão? Aí eu tenho que preencher meu tempo, fico fazendo renda. Durante o dia eu costuro. Tem gente que não faz nada, mas não quer fazer e não quer aprender, ou não quer continuar com aquilo ali, acha que não vale a pena. Também não querem fazer para doar, para dar de presente para alguém... A maioria eu faço e dou. Esse aqui estou fazendo para o meu afilhado que vai casar! E faço para as minhas filhas, uma raridade ou outra, vou ali e levo! Tem pessoas que não querem isso. O que eu acho: a linha não é barata, esse novelo custa R\$9,50, esse daqui da Anne é R\$7,50, o outro também, parece que é R\$6,50, o da Cléa. Mas é uma coisa que lhe dá bastante peça. Essa linha aqui

dá menos, ela é cara mas tem pouca linha... Mas dá para tu fazeres, um novelo dessa Cléa e dessa Anne, meu Deus do céu, tu fazes um monte de renda!

**DANIEL** – E antigamente o pessoal comprava para enxoval de casamento, por que o pessoal usava tanto mais renda?

**DAURA** – Aí eu não sei, mas deve ser... Porque aí era colcha, toalha de banquete, que chamam, aquelas toalhas de mesa grandes, aquelas coisas... E isso eram as pessoas ricas que compravam.

**DANIEL** – Todas as casas?

**DAURA** – Sim, as pessoas antigas, todas as casas tinham renda!

**DANIEL** – Na casa da minha avó, tudo era com renda...

**DAURA** – Tudo era com renda, é! Bem assim!

**DANIEL** – Depois vieram os tecidos da China...

**DAURA** – Isso!

**TATI** – Aí também tem sintético... Aqui seria uma renda, mas aí teve a fábrica de renda sintética...

**DAURA** – Pois é, aí quando começou a vir essas coisas que foi terminando a procura da renda de bilro.

*[Fim da entrevista]*